

FILÓSOFOS NA ARENA DE ARISTÓTELES: MONISTAS VS. PLURALISTAS

GUSTAVO LAET GOMES

RESUMO: Neste texto analiso o que está por trás da mise-en-scène das posições monista e pluralista no primeiro capítulo do tratado Sobre a geração e a corrupção de Aristóteles. Monistas e pluralistas são evocados para assumir posições a respeito da existência dos fenômenos de geração (e corrupção) e alteração. Para Aristóteles, estas classes de doutrinas devem assumir posições contrárias em relação à existência destes dois tipos de mudança.

PALAVRAS-CHAVE: monismo; pluralismo; Aristóteles; Sobre a geração e a corrupção

ABSTRACT: In this work I analyze what is behind the mise-en-scène of the monist and pluralist positions in the first chapter of Aristotle's On generation and corruption. Monists and pluralists are mobilized to assume position regarding the existence of the phenomena of generation (and corruption), and alteration. For Aristotle, these classes of doctrines must assume contrary positions regarding the existence of these two types of change.

KEYWORDS: monism; pluralism; Aristotle; On generation and corruption

INTRODUÇÃO

Após ter discutido o movimento em termos gerais na *Física* e o movimento contínuo e eterno dos astros em *Sobre o Céu*, Aristóteles se volta em *Sobre a Geração e a Corrupção* para as mudanças que ocorrem na região em que as coisas nascem e perecem, isto é, entre as coisas que não são eternas. Nesta região (que nós habitamos), além do movimento de translação — quando uma coisa se desloca de um ponto a outro — podem ser observados outros tipos de movimento — ou mudança — em fenômenos denominados geração, corrupção, alteração, aumento e diminuição e outras variantes. Enquanto na *Física* Aristóteles

tratou de aspectos mais básicos da questão do movimento — como a sua afirmação ou negação, a busca por uma definição, suas causas, o infinito, o contínuo e o discreto, a natureza do lugar e do tempo — em *Sobre a Geração e a Corrupção* ele trata de questões mais específicas sobre os tipos de mudança que não envolvem deslocamento. Qual é a origem da geração, isto é, como as coisas que vêm-a-ser surgem? São elas simples ou compostas? Se são compostas, de que é que elas são feitas? O que se passa quando elas deixam-de-ser, isto é, quando perecem? Ele também quer entender o que é alteração: o que é que

muda quando algo se altera e o que é aquilo que permanece? Como se dá o processo de alteração? Questões como essas também são colocadas sobre o aumento e a diminuição, e Aristóteles ainda trata da questão da mistura (ou fusão) e o que se passa quando ela ocorre.

Diante dessas questões, Aristóteles é levado a avaliar a natureza mais básica das coisas, para além do que é imediatamente perceptível aos sentidos. Percebendo que as coisas do mundo visível podem ser divididas e reduzidas a coisas menores do que elas, ele se pergunta, tal como fizeram outros pensadores antes dele, se a efetivação destes processos de mudança não se daria num nível mais básico, talvez imperceptível aos sentidos. Desde já travamos contato com um primeiro tipo de oposição, o mais imediato e que, de certo modo, impele este tipo de investigação: a oposição entre o que se vê e o que realmente ocorre, entre o que aparece aos sentidos e o que realmente é, entre aparência e essência.

Aristóteles, como de costume, levará suas questões para aqueles que o antecederam neste tipo de investigação. Questões desta ordem interessavam aos que primeiro se dedicaram a estudar a natureza, os chamados pré-socráticos. Como explicar a regularidade em um mundo em constante mudança? Não é paradoxal que a mudança seja uma constante? Por que as coisas nascem e morrem e por que certas coisas que nascem são tão semelhantes a coisas que já morreram? Há algo que permanece?

Percebendo um caráter comum entre o seu objeto de pesquisa e aquele de seus predecessores, Aristóteles se lança em uma investigação a respeito das teorias que eles propuseram para responder essas questões. É curioso como a forma de seu método de análise tem semelhanças com o próprio objeto de sua pesquisa. Assim como o mundo somente poderá ser explicado a partir de entidades ou conceitos que se opõem e se complementam, Aristóteles vê seus predecessores defendendo teorias que se opõem,

enfocando aspectos diversos da realidade e assim explicando-a parcialmente, e ao mesmo tempo se complementam, já que, tomadas em conjunto, tocariam nos mais diversos aspectos. Para Aristóteles, seus predecessores teriam se aproximado de algum aspecto da verdade,¹ sem, entretanto, terem sido capazes de produzir uma teoria que abarcasse todos os fenômenos. Da perspectiva privilegiada de quem tem uma visão panorâmica de todas essas teorias, Aristóteles pretende operar uma síntese, captando elementos opostos — e às vezes aparentemente contraditórios — e propondo soluções que os harmonizem, de modo a dar conta da explicação da maior gama possível de fenômenos.

Em *Sobre a Geração e a Corrupção*, detectei um total de 37 momentos em que Aristóteles recorre ao uso do procedimento de colocar diferentes teorias em confronto.² Minha intenção era isolar o procedimento pelo qual Aristóteles mobiliza as teorias de seus predecessores, destacando este peculiar método de organizá-los em categorias de oposição. Embora nem sempre seja imediatamente claro quais são os filósofos ou a quais doutrinas ele se refere, é possível notar certas linhas e até identificar termos que caracterizam estas linhas. É possível perceber como Aristóteles, ao se referir às teorias de seus predecessores, se utiliza de formas de oposição que estão presentes no interior das próprias teorias (deles e suas), como se a realidade se impusesse de algum modo ao próprio pensamento. No que se segue, apresentarei a primeira classe de oposição que se destaca em *Sobre a Geração e a Corrupção*, aquela entre *monistas* e *pluralistas*, elencando as características que Aristóteles atribui a cada grupo, também organizadas na forma de oposições.

MONISTAS VERSUS PLURALISTAS

A primeira classe de oposição em que Aristóteles enquadra seus predecessores é a que opõe

os chamados *monistas* e *pluralistas*. Estes termos não são usados por Aristóteles, mas exprimem relativamente bem o que ele propõe. Nos termos de Aristóteles, monistas são “os que afirmam que o universo é algo uno (ἓν τι), entendendo que todas as coisas se geram a partir de uma (ἐξ ἑνός)” (GC I.1, 314a8-9), ou ainda “aqueles que constroem todas as coisas a partir de uma única (ἐξ ἑνός)” (314b1-2). Pluralistas, por sua vez, são “os que defendem que a matéria é mais do que uma (πλείω... ἑνός)” (314a11), “aqueles que concebem uma pluralidade de gêneros (γένη πλείω)” (314b4-5).³

Esta classificação se ancora sobre um dos pares de opostos mais fundamentais da filosofia grega: a oposição entre *um* e *múltiplo*, respectivamente ἓν e πλῆθος.⁴ De um lado, aqueles que defendem a realidade como sendo fundamentalmente uma única coisa que se manifesta, talvez, de modos distintos; de outro, aqueles que defendem que a multiplicidade que se observa na realidade é reflexo da multiplicidade presente em sua estrutura mais básica. Ambas as posições encaram o problema do um e do múltiplo de formas bastante radicais. De um lado, monistas, que em certo sentido negam a multiplicidade afirmando que ela é apenas uma manifestação do um; de outro, pluralistas, que negam a unidade afirmando que a multiplicidade aparente é já um reflexo de uma multiplicidade fundamental. Ambos, porém, ao mesmo tempo também afirmam seus contrários. Monistas admitem, como não poderia deixar de ser, que o mundo conforme apreendido pelos sentidos se apresenta na forma da multiplicidade, ainda que isto seja uma espécie de ilusão. Pluralistas, por sua vez, concebem o mundo como uma unidade, além de dependerem, como se verá, da unidade para a constituição de suas entidades fundamentais; seus *elementos*, como Aristóteles os denomina, são, cada um deles, unos, singulares e não constituídos de partes.⁵

Com exceção de Diógenes de Apolônia,⁶ Aristóteles não nomeia nenhum outro repre-

sentante do monismo em *Sobre a Geração e a Corrupção*. Mas é bastante evidente que as características do monismo retratado por Aristóteles remetem primariamente aos filósofos jônios:⁷ Tales⁸ e Anaxímenes.⁹ A estes Aristóteles agrega ainda Heráclito.¹⁰ Os pluralistas, por sua vez, são fartamente mencionados: Empédocles, Anaxágoras, Leucipo e Demócrito, além de Parmênides.¹¹ Platão e seus seguidores também são considerados pluralistas.¹² Aristóteles se utiliza ainda de expressões como “aqueles que defendem [esta ou aquela] posição” ou “os seguidores de [fulano]” para se referir tanto a posições monistas, quanto pluralistas.¹³ Isto pode indicar que as doutrinas em questão foram abraçadas por outros filósofos além de seus tradicionais proponentes ou ainda — o que não exclui a primeira possibilidade — que Aristóteles esteja apresentando traços que ele considera serem compartilhados por mais de uma versão do monismo ou do pluralismo.¹⁴

O caráter central da oposição entre monismo e pluralismo em *Sobre a Geração e a Corrupção* é evidenciada pelo fato de ser evocada imediatamente após Aristóteles anunciar o propósito do tratado, na sexta linha:

De entre os antigos, uns afirmam que a chamada “geração simples” é alteração, ao passo que outros defendem que a alteração e a geração são diferentes. Com efeito, os que afirmam que o universo é algo uno, entendendo que todas as coisas se geram a partir de uma, são obrigados a declarar que a geração é alteração e que o que é gerado é, em sentido próprio, alterado. Em contrapartida, para os que defendem que a matéria é mais do que uma, como Empédocles, Anaxágoras e Leucipo, a geração e a alteração têm de ser diferentes. (314a6-13)

O principal traço do monismo, para Aristóteles, é a necessidade de se negar a geração. Falo deste modo porque, ainda que um monista possa utilizar um vocabulário que contenha a palavra “geração”, ele provavelmente dirá que

geração não passa de uma modificação daquilo que permanece sempre o mesmo nas coisas. Tomando, por exemplo, o dito que se atribui a Tales — *tudo é água* —, falar em geração de alguma coisa implicaria em dizer que água assumiu um novo estado, mas, em momento nenhum deixou de ser água, nem a coisa que surgiu foi gerada a partir do nada ou a partir de uma outra coisa diferente dela mesma. Mais adiante, Aristóteles dirá que “aqueles que constroem todas as coisas a partir de uma única são obrigados a afirmar que a geração e a corrupção são alteração, pois o substrato permanece sempre como sendo um e o mesmo (dizendo nós que se altera)” (314b1-4). Jacques Brunschwig (2004, p. 32-33) identifica dois sentidos em que Aristóteles utiliza o termo *alteração* (ἀλλοίωσις). O primeiro, mais *geral*, incluiria todo e qualquer tipo de mudança não-substancial (mudança que seria reservada para geração e corrupção). O sentido mais estrito, também dito *técnico*, seria o de uma *mudança qualitativa*. Nesta passagem, bem como na citação anterior (314a6-13), o sentido empregado seria o sentido geral. Podemos dizer, então, que o monismo nega geração e corrupção e afirma a estabilidade do princípio.

No pluralismo, por sua vez, geração e alteração são coisas distintas. “Para aqueles que, ao invés, concebem uma pluralidade de gêneros, a alteração difere da geração, pois a geração e a corrupção resultam da sua junção e separação” (314b4-6). O mecanismo por trás do que a linguagem comum chama de geração, corrupção e alteração é, na verdade, o mesmo: a junção e separação de entidades primárias, que permanecem elas mesmas inalteradas. As coisas vêm-a-ser quando as entidades primárias se juntam ou se separam, configurando-se de uma determinada maneira, e se desfazem quando a configuração se altera ou se perde. É possível dizer que, nestes termos, este discurso nega a alteração, já que o que se apresenta aos sentidos

como alteração é, na verdade, o mesmo mecanismo que está por trás da geração.

Aristóteles considera que “o discurso destes pensadores é adequado à hipótese que assumem” (314b8-9). Anaxágoras, porém, parece ser uma voz dissonante no interior do pluralismo, pois ele faz afirmações que, para Aristóteles, só caberiam em uma doutrina monista: “Anaxágoras ignorou a linguagem apropriada, pois diz que a geração e a destruição são o mesmo que a alteração, apesar de afirmar, tal como os outros, que os elementos são múltiplos” (314a13-16). No entanto, há um sentido bem claro na afirmação de Anaxágoras. Se se considerar que todos os processos de mudança são junção e separação, então também aquilo que se denomina alteração se dará por este mesmo mecanismo. Não haverá então uma diferença clara entre geração (e corrupção) e alteração. Seria possível dizer, ao contrário da oposição que quer fazer Aristóteles, que pluralistas negam ambas as coisas, geração e alteração.

O que talvez não fique imediatamente claro dado o modo como Aristóteles dispõe monistas e pluralistas em sua exposição é que há dois planos de relação entre estas duas classes de doutrina. Em um deles há oposição de fato. No outro, ao contrário, eles estão de acordo. O plano em que há oposição é o plano dos *corpos sensíveis*. Nele, monistas afirmam a ocorrência de alteração, mas negam que haja geração e corrupção. Pluralistas, por sua vez, se posicionam de modo diametralmente oposto: afirmam geração e corrupção (ao menos na interpretação de Aristóteles) e negam que haja alteração. Entretanto, no plano dos *princípios*, ambos negam tanto geração e corrupção como alteração (ver Tabela 1).

Tabela 1: Planos de relação entre monistas e pluralistas

| | Monistas | Pluralistas | |
|--------------------------|----------|-------------|----------------------------|
| Quantidade de Princípios | Um | Muitos | |
| Geração e Corrupção | Não | Não | Plano dos Princípios |
| Alteração | Não | Não | |
| Geração e Corrupção | Não | Sim | Plano dos Corpos Sensíveis |
| Alteração | Sim | Não | |

A constatação de que há, na verdade, concordância entre monistas e pluralistas no plano dos princípios não é de modo alguma estranha. Ambas as posições, na verdade, respeitam dois dos mais fundamentais requisitos de Parmênides¹⁵ a respeito *do-que-é*.¹⁶ Os princípios, sejam eles unos ou múltiplos, são *ingênitos* (não-geráveis) e *imutáveis* (não-alteráveis). No plano dos corpos, por outro lado, está presente uma lógica da configuração. Para ambas as posições há algo que estabelece que um corpo sensível é uma coisa e não outra. No caso dos monistas esta distinção se dá por um ajuste qualitativo: a configuração se estabelece por um ajuste numa propriedade que podemos chamar de *densidade* (as coisas se apresentam de modos distintos a depender da maior ou menor concentração do princípio). No caso pluralista, a configuração se estabelece a partir da agregação ou desagregação de corpos simples, que são os princípios. Uma coisa vem-a-ser quando se atinge determinada configuração e se desfaz quando ela se desconfigura. Fica evidente, porém, que não é exatamente o caso que monistas neguem de forma drástica a geração no plano dos corpos sensíveis. Apenas que utilizar o termo *geração* pode dar a entender, em certos usos, que se trata de *geração a partir do nada*, e isso não é admissível, pois nada pode surgir a partir do nada (outro requisito de Parmênides). De modo semelhante, não é exatamente preciso dizer que os pluralistas negam a alteração. Apenas que alteração para eles não seria algo diferente de geração, sendo

também uma mudança de configuração operada pelo mesmo mecanismo que ocorre na geração. Quando, porém, Aristóteles afirma que eles diferenciam geração e alteração, é preciso entender que a diferença está no sentido técnico¹⁷ que o termo alteração tem para Aristóteles, isto é, o de uma mudança qualitativa. Mas os pluralistas não trabalham com uma noção de qualidade que seja compatível com a de Aristóteles.¹⁸ Talvez seja por isso que ele conclua que

É, pois, evidente que, nestes termos, o discurso destes pensadores é adequado à hipótese que assumem, e que é neste sentido que o formulam. No entanto, também eles são obrigados a reconhecer que a alteração é diferente da geração, embora tal seja impossível de conciliar com as suas afirmações. (314b8-12)¹⁹

Aristóteles considera que uma correta explicação dos fenômenos precisa afirmar tanto geração e corrupção quanto alteração (e não em sentidos mitigados). Neste sentido, ele percebe que ambos — monistas e pluralistas — fizeram contribuições, mas não chegaram a produzir uma teoria capaz de explicar satisfatoriamente todos os diferentes tipos de mudança. A dificuldade do monismo parece ser um pouco maior. A postulação de um único princípio parece ser fatal em relação à geração. Dizer que fogo é água em um determinado estado parece ser esdrúxulo demais enquanto teoria, já que fogo e água, segundo a experiência têm características absolutamente opostas. As teorias pluralistas,

por sua vez, parecem alcançar uma maior quantidade de fenômenos. Mesmo a explicação por junção e separação parece estar de acordo com a observação. No entanto, ela teria algumas dificuldades, na visão de Aristóteles, para lidar com o aparecimento de qualidades (314b15-20). Sua solução será, então, fazer uma espécie de mescla entre as duas posições. Dos monistas ele preserva o mecanismo de alteração; dos pluralistas — mais especificamente de Empédocles — ele preserva os elementos. Mas para fazer isso, ele precisa tornar os próprios elementos alteráveis e perecíveis. O problema é que, com isso, ele acaba infringindo um dos requisitos de Parmênides, já que o princípio deixa de ser imutável. A solução será, então, propor uma espécie de escala de princípios.

No entanto, uma vez que este é igualmente o modo como os corpos primários derivam da matéria, também estes devem ser explicados, concebendo como princípio e como primeira a matéria que, sendo inseparável, é substrato dos contrários (pois nem o quente é matéria do frio, nem este é matéria do quente, mas o substrato é matéria de ambos). Em consequência, é princípio, em primeiro lugar, o que em potência é corpo sensível; em segundo lugar, as contrariedades (referimo-nos, por exemplo, ao calor e ao frio); e, em terceiro lugar, o fogo, a água e os elementos análogos. Com efeito, estes últimos transformam-se uns nos outros, contrariamente ao que dizem Empédocles e outros (pois se assim fosse não haveria alteração), ao passo que as contrariedades não se transformam. (II.1, 329a27-b2)

Para Aristóteles, há pelo menos três níveis de coisas que atuam como princípios, a saber: (1) a matéria que é inseparável e o substrato dos contrários, a qual é corpo sensível em potência; (2) as contrariedades (quente-frio, úmido-seco); e (3) os elementos (fogo, ar, água e terra). É pela articulação destes três níveis que os elementos se transformam uns nos outros. O que Aristóteles faz é, de certo modo, relativizar os princípios.

A depender, digamos, do *nível ontológico* da entidade que se estuda, toma-se um dos níveis acima como princípio. Do ponto de vista dos corpos sensíveis, os elementos (fogo, terra, água e ar) são considerados princípios, pois eles, como corpos simples, são os constituintes dos corpos sensíveis. Mas no nível dos corpos simples também há geração, pois os elementos podem se transformar uns nos outros. Neste nível, os elementos já não podem ser princípios, pois agora são mutáveis. Quem assume, então, a função de princípios são as contrariedades (quente-frio, úmido-seco).²⁰ Por fim, o nível mais fundamental é o da “matéria que, sendo inseparável, é substrato dos contrários” e que “em potência é corpo sensível”.

CONCLUSÃO

A oposição entre monistas e pluralistas é utilizada por Aristóteles em GC I.1 para introduzir importantes questões que serão endereçadas no decorrer do tratado. Esta oposição se fundamenta no par *um – múltiplo*, fundamental na filosofia grega desde os pré-socráticos. No contexto de GC I.1, a monistas e pluralistas são atribuídas teses contrárias em torno das noções de geração (incluindo corrupção) e alteração. Ao equiparar geração e alteração, os monistas na verdade afirmam a alteração e negam a geração. Os pluralistas, por sua vez, para quem geração e alteração seriam coisas distintas, dariam enfoque ao processo de geração e negariam a alteração (no sentido mais estrito, aristotélico, de uma mudança de qualidades). Aristóteles surge então como a síntese: aquele que toma os acertos de monistas e pluralistas e resolve suas incompatibilidades, produzindo uma teoria em que tanto geração como alteração são possíveis, compatíveis e, até mesmo, autoimplicadas.

NOTAS

1. Cf. *Metafísica* α.1, 993a30-b3.
2. Em alguns poucos casos o próprio Aristóteles figura como antagonista. Não é sempre que ele se coloca nesta posição, preferindo, antes, uma posição, digamos, mais conciliatória. As exposições de suas próprias teses na maioria dos casos vêm depois do exame das dos seus predecessores, já como respostas a certas questões que nenhuma das teorias colocadas em confronto teriam sido capazes de responder. Nos capítulos 3-5 de *GC I*, por exemplo, ele discorre sobre o que ele entende serem os processos de geração e corrupção, alteração e aumento e diminuição, sem, contudo, mencionar nenhuma opinião de outros filósofos. No livro II isto volta a acontecer nos capítulos 2 (dedução das contrariedades básicas), 4 (o processo de transformação dos elementos uns nos outros), 6 (que é uma refutação direta de Empédocles, sem a apresentação de teorias opositoras), 8 (todos os corpos são constituídos por corpos simples) e 10-11 (o movimento circular como causa primeira da geração e sobre a eternidade da geração).
3. As traduções de *GC* são de Francisco Chorão (2009), apenas com adaptações para a grafia do português brasileiro.
4. Nas citações acima, ἐνός (*de uma*) é o genitivo de ἓν (*um*) e πλείω (*mais, pluralidade*) é um comparativo de πολύς (*muito, múltiplo*).
5. Esta aparente contradição se dá pelo fato de que há, na verdade, muitos *monismos* e *pluralismos*. A caracterização de um monismo (ou pluralismo) depende de dois fatores: um *alvo* e uma *unidade* de contagem (Schaffer, 2016, §1.1). A depender do alvo e da unidade, um monismo (ou pluralismo) recebe um nome diferente, como, por exemplo, “*Genus monism*: target: categories; unit: highest type (the doctrine that there is a highest category; e.g., being); *Substance monism*: target: concreta; unit: highest type (the doctrine that all concreta are of a common type; e.g., materialism); *Property monism*: target: properties; unit: highest type (the doctrine that all properties are of a common type; e.g., physical properties); *Existence monism*: target: concreta; unit: tokens (the doctrine that there is exactly one concretum); *Priority monism*: target: concreta; unit: basic tokens (the doctrine that there is exactly one fundamental concretum)” (§1.2)

Com relação aos pré-socráticos, Patricia Curd identifica 3 tipos básicos de monismo (e seus pluralismos correlatos): *material*, *numérico* e *predicacional* (2004, p. 65). Aqui em *GC*, o que está em jogo são o monismo e o pluralismo de tipo material. O monismo material tem como alvo os *concretos* e como unidade os *elementos básicos* (*basic tokens* na nomenclatura de Schaffer; neste sentido, o monismo numérico de Curd pode ser tomado como um tipo de *priority monism*, segundo a classificação de Schaffer). Uma vez que a sua unidade não são as coisas em geral (*tokens*), o que caracterizaria o pluralismo numérico (ou *existence pluralism* para Schaffer), o monismo é neutro em relação à quantidade de coisas do mundo, ou seja, o monismo material admite o pluralismo numérico. Por outro lado, a posição que força a que haja apenas uma coisa é o monismo numérico. Esta posição força também um monismo material, mas o contrário não é necessário (sobre o monismo numérico, ver n. 7 abaixo).

6. Diógenes é mencionado em *GC I.6*, 322b13-15 a respeito da possibilidade de ação e paixão recíprocas sobre um mesmo substrato. Além disso, há várias menções não nominais que podem ser associadas tanto a Diógenes quanto a Anaxímenes (ver n. 9 abaixo).
7. A posição monista é mais tradicionalmente associada aos eleatas considerando o *o-que-é*, como algo uno, que preenche todo o universo. Isto até se enquadra na definição de Aristóteles em 314a8. No entanto, ele também diz que esta posição trata dos que defendem que “as coisas se geram a partir de uma”, e isso é um problema, para os eleatas, pois, para eles, o-que-é também é imutável e ingênito. Logo, não deve ser o caso que eles sejam considerados entre os monistas. Um *eleatismo radical* seria um monismo numérico, que Aristóteles atribui a Melisso (cf. *Metafísica* A.5, 986b18-21; CURD, 2004, p. 66-67 (& n. 9)). De fato, do ponto de vista material, Aristóteles considerará Parmênides como um pluralista que postula dois princípios, a partir da leitura do discurso cosmológico contido na segunda parte do seu *Poema* (cf. *GC I.3*, 318b2-7; *II.3*, 330b13-15 [DK 28 A35]; sobre as características do ser de Parmênides, cf. DK 28 B8).

8. Aristóteles não menciona Tales em *GC*, nem aborda a possibilidade de um monismo a partir da água, mas é razoável supor que esta hipótese está devidamente considerada dentro do espectro do monismo. Uma possível razão para ele não considerar diretamente a posição de Tales poderia ser a própria incerteza com respeito à sua doutrina. (Em *Metafísica* A.1, 983b33-984a3, fica claro que as informações que Aristóteles tem sobre Tales são, no mínimo, de segunda-mão.)
9. Anaxímenes não é mencionado explicitamente, mas em *GC* II.1 328b34-35 Aristóteles diz que “em relação à matéria subjacente a tais corpos, alguns filósofos afirmam que é uma, admitindo ser o ar, por exemplo”. Esta menção ao ar pode ser associada tanto a Anaxímenes quanto a Diógenes de Apolônia. Em outras passagens, também, quando ele menciona o *raro* e o *denso* (cf. *GC* II.3, 330b9-11) é possível evocar estes dois filósofos.
10. O que já é um pouco mais controverso. Para Aristóteles, Heráclito funciona como um filósofo jônio cujo princípio é o fogo (cf. *Metafísica* A.1 984a7-8). Em *GC* ele não menciona Heráclito nominalmente, mas evoca os que dizem que a matéria subjacente é o fogo em II.1 328b34-35.
11. Aristóteles, em *GC*, considera Parmênides um pluralista-dualista que postulava como princípios fogo e terra, a partir, provavelmente, da interpretação de que a segunda parte do seu *Poema* contém a sua cosmologia. Ver n. 7 acima.
12. Uma vez que defendem mais do que um princípio, muito embora o modelo platônico, segundo a leitura de Aristóteles, tenha algumas diferenças importantes, especialmente o fato de que no caso platônico os elementos são gerados (cf. *GC* I.2, 315a29-33), enquanto que no caso dos demais pluralistas, os elementos seriam, a princípio, unidades básicas indivisíveis.
13. Cf., por exemplo, *GC* I.1, 314a24-b1.
14. A análise destas possibilidades é um trabalho interessante que deverá ficar para outra oportunidade.
15. “After Parmenides, any theory that attempts to provide a rational, metaphysically well founded cosmology must satisfy two conditions. First, it must be based on entities that meet Parmenides’ criteria for what-is. Second, it must find a way for those entities to account for and explain the world that is reported to us by our senses without violating Parmenides’ strictures against coming-to-be and passing-away.” (Curd, 2004, p. 128)
16. O fato de os monistas jônios serem anteriores a Parmênides não é exatamente um problema aqui e nem me parece que cabe a acusação de anacronismo. Aquilo que Parmênides enuncia na forma de um discurso propriamente filosófico é uma intuição que vem sendo gestada desde os jônios, que buscavam um elemento de estabilidade no interior da mudança. De todo modo, ainda que fosse forçoso excluir os jônios desta constatação, Diógenes de Apolônia pode ser considerado um representante importante de um monismo pós-parmenidiano.
17. Cf. Brunschwig, 2004, p. 33.
18. “No entanto, partindo do que defendem aqueles que postulam mais do que um princípio, a alteração é impossível. Pois as afecções de que dizemos resultar a alteração são diferenças dos elementos, por exemplo quente-frio, branco-negro, seco-húmido, macio-duro e todas as outras.” (314b15-20)
19. Aristóteles tem mais dificuldade em estabelecer uma posição pluralista geral do que ao tentar o mesmo procedimento com o monismo. Justamente por seu caráter restritivo, é mais difícil (se não impossível) encontrar variações expressivas dentre as teorias monistas, além, claro do elemento que se escolhe como fundamental e de quais características do elemento permitem a diferenciação dos corpos sensíveis. No caso do pluralismo, porém, a própria predefinição de uma pluralidade de entidades básicas enseja uma pluralidade de possibilidades para estas entidades, o que gera as mais diversas consequências. “Pluralism, considered at a sufficiently abstract and theoretical level, may be a unity of sorts; but when the concrete features of pluralist doctrines are taken into account this unity breaks up: there has been much more than one historical instantiation of pluralism.” (Brunschwig, 2004, p. 48-49) O pluralismo é plural!

20. As quatro contrariedades estão sempre presentes, mas nunca todas em ato. Se um elemento é quente, o quente estará presente em ato e o frio estará presente apenas em potência. Esta mesma lógica vale para o par úmido-seco.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTE. “De la génération et de la corruption”. Ed. Marwan Rashed. Paris: Les Belles Lettres, 2005.
- ARISTÓTELES. “Mefísica Livros I, II e III”. Tradução de Lucas Angioni. Campinas: Unicamp, 2008. Cadernos de Tradução nº 15.
- ARISTÓTELES. “Sobre a Geração e a Corrupção”. Tradução de Francisco Chorão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- BRUNSCHWIG, J. “On Generation and Corruption I. 1: A False Start?” In: DE HAAS, F.; MANSFELD, J. (ed.), 2004. Cap. 1, p. 25-63.
- CURD, P. “The Legacy of Parmenides: Eleatic Monism and Later Presocratic Thought”. 2ª. ed. Las Vegas: Parmenides, 2004.
- DE HAAS, F.; MANSFELD, J. (ed.). “Aristotle’s On Generation and Corruption, Book I: Symposium Aristotelicum”. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- DIELS, H.; KRANZ, W. “I Presocratici.” Tradução de Giovanni Reale; Diego Fusaro, *et al.* 4ª. ed. Milano: Bompiani, 2012.
- SCHAFFER, J. “Monism”. In: Stanford Encyclopedia of Philosophy, Spring 2016. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/monism/>>. Acesso em: 05 jun. 2016. (Na ausência de páginas, as citações são referidas aos tópicos do verbete.).